CONCEBER E ESCREVER: poesia uterina de resistência africana de expressão portuguesa

Edimilson Moreira Rodrigues[1]

RESUMO

A poeta africana, Conceição Lima, "tem sabido sempre, nos seus melhores momentos, juntar a exigência da voz individual às exigências da voz coletiva, ou, por outras palavras, dar testemunho de um tempo que é seu, na interação dialética da exterioridade dos eventos e da interioridade das vivências" (FERREIRA, 1987, p.93), ressoando vozes de resistências, denunciando a "cidadania dilacerada" (SANTOS, 2002), Deste modo, a pesquisa revela categorias do campo político, sociológico, histórico e literário que dão a dimensão da resistência da mulher africana sobrevivente das catástrofes do capital (guerras coloniais e internas, diásporas, mobilidade cultural, errância), no palimpsesto herdado de uma cultural colonial que vilipendiou sua condição social e a fez criar estratégias de confrontos e legitimações, associado útero a terra.

Palavras-chave: Literatura Africana. Resistência feminina. Metáforas da maternidade.

The African poet, Conceição Lima, "has always known, in her best moments, to combine the demands of the individual voice with the demands of the collective voice, or, in other words, bear witness to a time that is hers, in the dialectical interaction of the externality of the events and the interiority of experiences "Ferreira (1987, p.93), resounding voices of resistance, denouncing a "torn citizenship" Santos (2002). Thus, the research reveals categories of the political, sociological, historical and literary fields that give the dimension of resistance of African women who survived the catastrophes of capital (colonial and internal wars, diasporas, cultural mobility, wandering), in the palimpsest inherited from a colonial culture that vilified their social condition and created strategies of confrontation and legitimation, associated with the uterus to Earth.

Keywords: African Literature. Female resistance. Maternity metaphors.

[1] Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo. Doutor em Estudos da Literatura, pela Universidade Federal do Fluminense -UFF. E-mail: em.rodrigues@ufma.br

1 INTRODUÇÃO

As representações literárias femininas tecidas na África de expressão portuguesa apresentam a terra e a nação associadas a elementos que, como o feminino, também carecem de libertação; e, na pele da escrita, sua escrivivência, artefato das lutas e do histórico-social, dão-nos a denúncia do canto, com adornos e cicatrizes, como espaço fulcral de memórias das atrocidades do colonialismo português.

A práxis poética de Conceição Lima se desvencilha dos limites da servidão oficial e ruma, na maturação da palavra política, ao insidioso jogo de ressignificação da África com o pendor documental do texto literário que, nas entranhas do social, com forte carga expressiva, explora os espaços de forma sensível à busca de outros saberes. Com a aura dos demarcadores de lugares, da identidade, saberes e responsabilidades, duplamente articulados, os quais emanam de memórias e paisagens em íntima tensão avassaladora com a palavra resistência, é o fruto-poesia de Lima.

Sua polivalente insistência, na concepção do verbo-poesia, é similar à concepção do humano: uma poesia que perscruta o trânsito de culturas, que decalca a errância do saber africano nas linhas do texto, que ampara e edifica o ser no memorial da palavra, fazendo da poesia um instrumento de metáforas inusitadas "emergiremos do canto/ como do chão emerge o milho jovem" (LIMA, 1987)[2] ; o humano é lucidamente impresso na escrita: ser em estado de gestação de sonhos, elo que direciona – verbo e humano – às outras margens, sempre ciente do centro africano, que, por isso, é bivalente porque se estrutura na escrita como forma de tradução de si e de outros, qual "obstinado peregrino" (LIMA, 1987).

Nesse complexo instrumento que se apresenta à inteligência humana, o literário, transfigurando-se em imagens amplas e diversas de um mesmo plano social:

[2] Os textos de Conceição Lima, doravante apenas marcados pelo sobrenome e ano, são dos Fragmentos poéticos de *Sonha Mamana África*, de Cremilda de Araújo Medina (1987, pp.227 e 228) todos eles há época, inéditos. Ainda que em forma de prosa, vale o destaque para esclarecer que uma barra divide o verso (/) e duas barras (//), as estrofes como apresentados no tópico: Terceira concepção – iluminuras sedutivas.

quem cede ao primor da denúncia engravida imagens da partilha e do aprendizado coletivo; o aliciado, ao horror da escravidão, é violentado com imagens que repetem personalidades antípodas ao seu imaginário de aprendizado coletivo; o que explora, em secretas volições, em obscuros instintos e enigmáticos recalques, cristaliza fetos, em abortos coletivos contrários à experiência vital. Não estão, pois, os poetas, alheios a essas experiências sociais. Coadunam, como a imagem primeira da maternidade, a forma orgânica do tecido social, como forma do literário tecido; buscam a unidade do devir social que habita na variedade do dizer literário, com aprimorada conciliação dos opostos. “Ainda aqui e sempre aqui” (LIMA, 1987), porque a presença de referenciais coloniais de opressão é marca de contestação, idiossincrática, da escritora africana – “transitório é este tempo que te divide”, pois, “transitória a noite que à noite sucede/ sem te veres” (LIMA, 1987).

Temos, assim, nesse panorama de oposição de ideias e imagens – mar, ilha, terra: útero da coletividade; palavra, poesia, criação: útero do individual. O refinamento humano surge como obra esmerada na vivência social, na atuação cultural, na gestação de sonhos metafóricos e reais. Refinamento de quem “escreve uma história geral dos sentidos, mais que uma história dividida” (BURKE, 2008, p. 146).

Nessa mobilidade diaspórica, o texto traduz os monumentos com a cor e a alegria do aprendizado festivo feminino habitando corpo e pátria, da mulher-poeta em semente-mátria, com metáforas que ainda fecundam o ventre de ambas. Daquelas que dominam a arte da palavra e são aliciadas ao domínio da maternidade. A grafia do corpo feminino é similar à grafia do *corpus* poético. Ambas são conduzidas, no processo de sedução (conduzidas através: *se-ducere* – conduzir ao desvio, mudar a direção) à travessia da vida: quem escreve, decalca sonhos, quem engravida, torna visível sonhos decalcados.

As imagens, em Conceição Lima, albergam modulações do feminino que germinam como vestígios amargos – “E na dura travessia do deserto/ Aprendemos que a terra prometida era aqui” (LIMA, 1987), através do texto cerzido com linhas da “memória subterrânea” (POLLAK in SOARES, 2015, p.32). Objetivamos assim – desde a poesia feminina africana, insulada no entre dois – demonstrar como a resistência feminina, albergada no útero do texto poético, expele, qual um novo

rebento, novos itinerários em trânsitos diaspóricos ressignificados – “Perdi-me na linearidade das fronteiras” (LIMA, 2012, p.14).

> O poema de Conceição Lima diz dessa memória herdada, a qual eterniza vestígios de “memórias subterrâneas” que transitam pela face e corpo do rei imobilizado “no centro praça” (p.77) e ganham mais força quando os versos aludem a detalhes do monumento, que remetem aos angolares e aos sentidos que essa associação permite construir: ‘Porém nos angolares vaga um coração em demanda de um povo e seu destino”. (FONSECA, 2015, p.32)

Deste modo, pretendemos comentar alguns excertos poéticos dessa produção literário, em constante diálogo com autores e autoras que, também, já tangenciaram o assunto. Sem que tenhamos a pretensão de esvaziá-lo, mas, como nos diálogos intertextuais, contribuir dizendo o mesmo de forma diferente, com a força propiciadora de tensões que, a escrita–leitura poética e a investigação hermenêutica, permitem.

2 PRIMEIRA CONCEPÇÃO – NO ÚTERO DA TERRA

O pensador Ricciardi (1971), nos orienta que “O escritor é, pois, um criador, mas ao mesmo tempo, a sua obra está, toda ela, mergulhada no momento histórico que a origina” (RICCIARDI, 1971, p.80). A citação nos permite esse diálogo e a continuação dele em segurança ao que estamos defendendo. A escrita de Conceição nos permite estudá-la como um ser social, cuja obra se revela como fonte primeira dos caminhos da pesquisa, doando pistas linguísticas para desvendar os meandros da sociedade santomense e, indubitavelmente, a africana, no período que antecede a libertação e parte do pós-independência. Como metáforas de caminhos inventados, no único espaço seguro para ele: a poesia, no corpo-poema, imagem matricial de Conceição Lima, cicatrizam as dores da invasão, do linguístico e do físico, daqueles que dominaram a geografia e a paisagem de suas ilhas. As incógnitas do processo de dominação, se equacionam, inevitavelmente, no verbo-poesia como estuante jornada da fala que escreve e inscreve a mulher no escopo do literário, mas sem perder a ternura do maternal, pois “Moldar os dias dos frutos maduros/ este é teu projeto iniciado e longo” (LIMA, 1987).

A poesia de Lima nos permite entendê-la como a celebração do amor que convida ao banquete da ancestralidade, com o fulgor revolucionário da redescoberta, o ardor da necessária mudança apreendida nas incursões da palavra terra, pois nos permite recuperar traços e marcas culturas vincadas há séculos que ainda dialogam com as experiências de sua individualidade. Daí afirmamos com Ferreira (1987) que,

> A multiplicidade de imagens e sentidos derivando entre o enigma e a meridiana intenção patriótica faz integrar duas constantes que, associadas às apresentações e representações da dinâmica social colonial que tudo destrói e reconstrói, criam a metáfora da esperança, não como mito ou utopia, mas como realidade sentida, física, vivida. (FERREIRA, 1987, p.94)

E a “metáfora da esperança”, em Conceição Lima, é como revelar os compromissos do corpo feminino que se consorciam ao das palavras que colhem frutos, semeiam vidas, e, como todo fazer poético, colhem vidas e semeiam frutos na lavoura da terra em multiplicidade de imagens. E o corpo feminino, instrumento de outras lavouras, assemelha-se ao arado que sulca o solo, não para edificar, mas significar com fruto-palavra albergando sementes de liberdade: “À força de viver/ na vida entraste” (LIMA, 1987).

Como uma antecipação do conteúdo humano afetivo de Conceição Lima, deduzimos que ela “Submersa na verticalidade do seu horizonte, traz à tona o poema do milagre da vida” (MEDINA, 1987, p.226). Poema que é vida e se manifesta em constante resistência, porque, através da sua escrita, ele, o poema: milagre da vida, afirma a transitoriedade do momento social de suas ilhas, prisioneira das águas, o transitório do “espaço profanado pelo colonizador” (FERREIRA in LUANDINO, 2007, p.131). Pois, tudo que é supérfluo na poesia santomense, se dissolve na leitura; no entanto, o duradouro se reduplica nas imagens sugestionadas nela, e, porque liberta espaço e homem da condição de colono, perdura no imaginário do leitor em nacos de monumentos: “transitórias as pedras amargas desaguando/ sem licença no litoral da aurora, transitória/ a angústia das palavras” (LIMA, 1987).

Seu lado mulher aflora no texto, seu ser humano semelhante à natureza é cônscio de quem viveu os dramas e as fraturas, com o olhar de quem conta para não esquecer e não esquecer para contar os dramas vividos pelo humano e pela terra

africana. “Pássaro de penas rotas e cintilantes/ libertando na noite o tempo cativo/ revolves as horas os magros celeiros/ fustigas tremente o rosto dos meses/ a cólera é teu argumento/ o porvir teu fundamento” (LIMA, 1987).

A liberdade subliminar está implantada nestes versos de resistência que decalcam os traumas resultantes do projeto colonial português. Uma poética marcada pelo enigma do exílio. Assim, a poesia de Lima assume o mundo colonizado demarcando sua voz isolada em sua terra natal, tentando rasurar a imagem da África como local de memória resultante dos conflitos geopolíticos, para escrever como espaço de “solidariedade histórica” (BARTHES, 1999, p.243), objetivando uma mudança de olhar mais sutil, típico do fazer literário que prima por borrar os limites entre história e literatura. Para confirmar a condição dos ser africano imantando a terra qual “o barro da razão que te forjou/ a substância pura que te ligou à vida” (LIMA, 1987).

Sua voz anteriormente silenciada se prolonga em polifonia, reconhecendo espaços, ocupando paisagens que se alimentam de deslocamentos, de fatos fictícios que constroem paisagens e espaços, na ágora do texto, domando o verbo para pô-lo à serviço da coletividade. Como quem concebe o filho para servir ao mundo, a poesia de Lima serve o mundo ao filho em constante diálogo entre terra e vida. Pois, do útero da terra, homem e palavra proporcionam a dimensão do cruzamento de sentidos: “como do chão emerge o milho jovem” (LIMA, 1987). Sua obra exige o reinvento das coisas, o aprendizado em diálogo com o logos, a dialética que pulsa na vida da práxis se reinventa na linguagem de Conceição Lima, para depois, se ajustar ao molde de criação dialético. As obras da autora, só para citar um dos muitos títulos, *No útero da casa* (2004), são a de quem busca a ambiguidade do texto para torná-lo denotativo, pois, os signos deles trazem sentidos dísticos, em consonância com sua experiência de vida, na maternal experiência da mulher que, como o poeta, fecunda e é fecundada pelo labor do texto. Pois,

> A fecundação do ventre e a germinação da semente são expressões de um mesmo destino de espera, de resignação, de desencontros entre a ternura que brota desses gestos e a determinação de leis e de costumes. É pela voz da mulher que a escrita poética se faz pele de um outro corpo, um corpo que pulsa e que emite seus próprios ruídos. (FONSECA, 2015, p.111)

Ruídos grávidos de palavras recheadas de imagens da terra, mas sobretudo, do processo de germinação que sustenta, que proporciona o alimento-palavra e a palavra-alimento colhida na lavoura do texto matricial de subsistência corporal, libertária e visceralmente engajada em apagar a "fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar" Said (2003, p.46), o exilio, como "Duas linhas indómitas a desbravar" (LIMA, 1987).

É uma obra que convida ao banquete do verbo, donde o leitor entra por duas linhas, uma que apresenta a exilada voluntária em Lisboa que se refugia no texto e outra refugiada involuntária na sua terra que faz do texto seu único espaço seguro a albergar, mas cônscio, o texto, das mortes que marcam a terra com cicatrizes como testemunhas – "Toma o ventre da terra/ e planta no pedaço que te cabe/ esta raiz enxertada de epitáfios" (LIMA, 2012, p.52).

A escrita de Conceição Lima "diz dessa memória herdada, a qual eterniza vestígios de "memórias subterrâneas" que transitam pela face e corpo (da palavra) (...) e ganham mais força quando os versos aludem a detalhes" (FONSECA, 2015, p.32), do sempre retomado êxodo, errância, migração, deriva categorias que tornam possíveis as condições híbridas e heterogênea das condições sociais impostas na vida cotidiana (BERNRD, 2010): "Após o ardor da reconquista/ não caíram manás sobre os nossos campos" (LIMA, 1987). O texto poético de Lima prima pelo esteticismo denunciador, mas, principalmente, pelo lirismo enunciador que recupera a identidade nacional africana em pleno conúbio com a natureza-nação.

3 SEGUNDA CONCEPÇÃO – NO ÚTERO DA POESIA

Alguns textos dos livros – No útero da casa e A dolorosa raiz do Micondó e os fragmentos poéticos, tidos, há época, inéditos da obra Mamana África de Cremilda Medina nos servem de pórticos de entrada, às nossas incursões, no espaço dual sugestionado pela autora: casa e pátria, útero e nação, liberdade e consciência política. Nessa dualidade metafórica, íntimo e privado, social e individual, local e internacional a poética de Conceição Lima está vocacionada a fecundar o tema da

liberdade e, consequentemente, o da identidade fragmentada ao longo de sua produção. No limiar do texto, o sujeito poético se situa como estrangeiro, homem bipartido pela atrocidade colonial (duplo paradigma do sujeito colonizado: ser ele mesmo imantado no seu eu desejado); assim, a poesia gesta o ser segmentado em dois – o eu real e o imaginário em conúbio com a liberdade que se esmera em tornar visível os invisibilizados; o real sempre em lide com os sujeitos de identidades reconstruídas no esbulho: “Quando eu não sabia que era quem sou/ Quando eu ainda não sabia que já era eu” Lima (2012, p.60).

Da leitura da obra de Lima, confirmamos que “os maiores artistas são aqueles que conseguem recapturar e recriar a totalidade harmoniosa da vida humana” (EAGLETON, 2011, p. 56), capturado no estilhaçado mundo africano, Lima busca a “totalidade” do social pela fala ofuscada das mulheres, recaptura e recria imagens e metáforas sensorialmente inusitadas, ao delatar o colonialismo enraizado no solo africano, na pele da mulher, na alma das muitas crianças, resultado de outro esbulho que personifica a fragilidade do ser feminino, se fortalece, a resistência, em imagens gestacionais de identidade, de saber e cultura, pois – “Brotam como atalhos os rios/ da minha fala” (LIMA, 2012, p.13).

A poesia feminina de resistência surge, assim, como um ato de transgressão, onde o exercício libertário é tão similar à escrita quanto os desejados na vida social. A transgressão literária herda os conceitos trazidos do político, no qual, a mulher-poetiza exerce um papel ativo e questionador. Submersa na neblina feminina, concebe o filho como poema. Ambos a serem alimentados, depois do preâmbulo da concepção, com vozes este último; e com metáforas o primeiro. Isto porque estamos diante de signos que se irmanam na conjuração do verbo: “transitória/ a angústia das palavras ensanguentadas em tuas mãos” (LIMA, 1987).

A poeta compromete-se com uma produção que concebe a literatura como obra de gestação e, que, por isso, ela a apresenta como um produto do ser socialmente comprometido na concepção do humano, redesenhando os limites entre o poeta e o historiador dos fatos sociais. A gestação e a fecundação que se dão na vida social do homem, também ocorre na vida do poeta. Dessa forma, podemos nos arriscar a afirmar que a produção artística de Conceição Lima está amparada nos signos da

geração de vidas, quer sejam elas “imaginadas” no amplo espectro do social, quer sejam “concebidas”, metaforicamente, no da arte. Duas possibilidades que colocam o artista da palavra na inserção das relações de poder e, dentre elas, a literatura. Lima elabora seus textos “projetando uma imagem rica e multifacetada da completude humana” (EAGLETON, 2011, p. 57), confirmando sua escolha ideológica ante o mundo transgressor e opressor do colono. Opressor que despoja corpo e sentimento femininos, tão nefastamente, quanto devasta o conjunto do corpo social.

A sedução pela poesia, símile de vida que emerge da escrita, faz das duas, da sedução e da poesia, a totalidade indivisível do humano. Eis, pois, uma literatura obcecada pela força do prazer e da memória “com metáforas que congelam a realidade mundana e projetam” acontecimentos (SCHLAFMAN, 1987, p.71): “O padrão a ser erguido” (LIMA, 1987); e, edificam moradas no alicerce do texto – “Puros reabitaremos o poema e a claridade” (LIMA, 1987). Literatura que revela um sujeito vilipendiado, mutilado, incompleto e inimigo de si próprio, porque perdeu a sua antiga harmonia para o sistema colonial. Mas, que, cerzido pelo poder da palavra, estabelecerá contrastes com o ser que, acondicionado no útero do texto, se apresenta umbilicalmente religado à consciência da vida. Ser ciente de sua condição, atravessa fronteiras outras “libertando na noite o tempo cativo” (LIMA, 1987), prenhe de dois seres. Um – “lavrador teimoso de um tempo sem pomar” – alimenta-se do líquido revigorante, a leitura do social; o outro – “Na dura travessia do deserto” protege-se, com as linhas do texto, contra a fratura total. Revela, pois, a mátria de palavras, seres mutilados pelo devir político, mas costurados ao labor do artístico-social: portador de significados diversos. Lima desarticula os ditames da servidão colonial e, com a poesia como semente do humano, esparge-a no solo sagrado da África em segurança de imagens – “inserindo os sujeitos históricos no conjunto das relações de poder” (SECCO, 2010, p.51).

Puro exercício poético, a prática literária de Lima que, à força de escrever criou a escrita uterina grávida de sonhos que a põe à serviço do leitor. Uma escrita marcada pela existência viva do modus operandi da concepção: sedução, respeito, solidariedade. Depurando sua mundividência, gesta o fruto do desvio – desde o étimo de se -*ducere* –, operando uma mudança radical do conceber literário e humano. A

solidariedade transmigra do desejado para o realizado, rompendo a geografia dos sentidos, marcada pelos traumas das guerras e promessas intervalares; assim, o seu texto-exercício compromete-se, como vetor de respeito, que, como criação substancial, “rasurando os limites entre literatura e história” (RENATO JORGE in DELGADO, 2006, p.136), fecunda a vida.

A mulher-poeta, Conceição, em estado de puérpera criativa, assume o rebento-poesia, ocupando os espaços e os silêncios com gritos e açoites de quem divide, inconteste, o filho que emerge do canto, como aprendizado do fazer festivo que recupera “a transparência do tempo inicial” (LIMA, 1987), com postulados estéticos que revigoram, ante a estética do parto, a serenidade vivificante qual a concepção dolorosa, extasiada, ante a realidade suprema que simboliza a renovação constante da vida. Conceição Lima, em estado sinestésico de engenhosidade dos saberes africanos, com sintagmas de proteção, mapeando significações metafóricas mínimas: “Tuas mãos tingem já de púrpura a noite/ o crepúsculo é o instante supremo da claridade” (LIMA, 1987).

Uma escrita marcada pela dura travessia das palavras; uma práxis que dialoga entre o ficcional e o real histórico sem pretensões de ensinar, mas vincando, no solo africano e no corpo da mulher, experiências como força propiciadora de transformação, destruindo os muros dos edifícios prisionais do projeto colonial português, porque ela afirma – “Puros reabitaremos o poema e a claridade” (LIMA, 1987); eis portanto, a delação do desvio: o poema – único lugar seguro à concepção poética e humana se apresenta como retorno que é “assim definido porque sua predileção a uma ideia de “pátria mãe” preconiza uma volta não apenas a um território originário, geográfico, mas, sobretudo, a uma matriz cultural originária, constituída sobre um princípio de unidade e imutabilidade” (BERNRD, 20101, p.129).

Destarte, a palavra impressa no tecido social feminino é a mesma tatuada no tecido da escrita que a expõe como cicatriz, porque a poetiza “assume a criação do mundo que escolheu habitar” (ELIADE, 2001, p.49), o da poesia uterina de permanência.

4 CONCLUSÃO

Analisamos uma poética que ressoa vozes de resistências, denunciando a "cidadania dilacerada" Santos (2002) ao decalcar metáforas inusitadas em diálogo com a pátria que atravessa a sensibilidade de quem viveu os momentos traumáticos das guerras africanas e parte do processo de colonização e que, agora, na pele do poeta escreve poesias com o fito de se libertar das cicatrizes que ainda germinam no solo e pele do ser africano – "Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure" (LIMA, 2012, p.19) – vincando a errância diaspórica, em primeiríssima pessoa, mas com ressonâncias, ainda, de repressão da fala, quando analisamos a zeugma do verso ser (Eu sou a nómada). A nação imaginária que se assemelha à terra telúrica e maternal se torna uterina; símile de liberdade que concede o poder de escolha como quem concebe o filho, mas também, como lugar de retorno sempre provisório porque é "Aqui onde o inferno acontece/ neste lugar onde me derramo e permaneço" (LIMA, 2012, p.71). Deste modo, escrita e concepção maternal, clamam por sociabilidade e trânsito de culturas femininas de caráter nacional e popular na escrita de Conceição Lima. Assim, em Lima "o universo que se vai desenhando a nossos olhos é marcado pela existência de uma disponibilidade real e intensa para a sobrevivência, torneando a barreira da humilhação" (FERREIRA in LUANDINO, p,121), através do único instrumento possível ao escritor, sob a ótica de uma necessidade interna, provocada por razões sociais, a poesia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Antologia temática da poesia africana**. Na noite gravida de punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BERNRD, Zilá. **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010.

BURKE, Petter**. O que é história cutlural**? Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & Linguagem – introdução aos estudos literários**. Edições Quírion, 1986.

DELGADO, Ignacio G. **Vozes (além) da África:** tópicos sobre identidade negra, literatura e história africana. Juiz de Fora: UFRJ, 2006.
DOPCKE, Wolfgang. **Crises e reconstruções – estudos afro-brasileiros, africanos e asiáticos**. Brasília: Linha Gráfica, 1998.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa – mobilidades e trânsitos diaspóricos**. Belo Horizonte: Nadyala, 2015

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**: introdução à ciência da literatura. Coimbra: Editor Arménio Amado, 1968.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do Micondó**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Sonha mamana África**. São Paulo: Edições Epopeia, 1987.

RICCIARDI, Giovanni. **Sociologia da Literatura**. Lisboa: Men Martin e Europa América, 1971.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SANTOS, J. V. T. dos. **Microfísica da violência, uma questão mundial**. Ciência e Cultura: São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: Fundamentos teóricos e metodológicos. São Paulo: EdUSP, 2008.

SAÚTE, Nelson e SOPA, António. **A ilha de Moçambique pela voz dos poetas**. Lisboa: Edições 70, 1992.

SCHLAFMAN, Léo. **A verdade e a mentira – novos caminhos para a literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

SECCO, Carmen Lúcia. **África escritas literárias**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Angola UEA, 2010.

SECCO, Carmen Lúcia. **Brasil e África como se o mar fosse mentira**. São Paulo: Unesp, Chá de Caxinde, Luanda Angola, 2006.

VIEIRA, José Luandino. **A cidade e a infância**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.